

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d'Almeida.

Vol. II.

DOMINGO, 8 DE JUNHO DE 1856.

N. 26.

INSTITUTO RELIGIOSO.

A Guarda dos Domingos.

PRIMEIRA PARTE.

I.

A observancia do domingo é não só uma lei eclesiastica, mas ainda uma lei natural ; e, por isso mesmo que é lei natural, converteu-se em lei canonica ; porque todas as leis e todas as instituições da igreja tem a sua razão philosophica nos instinctos, nas necessidades legitimas do homem, nas suas relações naturaes do homem para com homem, do homem para com Deos, do homem para consigo mesmo.

O auctor da natureza gravou em todos os corações um preceito religioso, que é, por assim dizer, o elo que prende a creatura ao Creador. A practica de consagrar um dia da semana ao culto de Deos e ao repouso da alma e do corpo é uma lei tão antiga como o mundo. O septimo dia da semana, diz Jebelin na *Historia do Calendario*, é o dia natalicio do mundo, a festa do universo. Aristobulo, philosopho peripatetico, demonstra a universal veneração dos povos para com este dia ; e esta sua opinião é corroborada por muitas passagens de Hesiodo, de Homero, e de outros escriptores da antiguidade.

Este uso da consagração do domingo prevaleceu entre os antigos chinezes, entre os indios, persas, chaldeos, egypcios, e mesme nos povos do Norte, e entre os peruvianos. Os phinicios consagravam o septimo dia a Saturno : os delphios cantavam de sete em sete dias um hymno a Apollo : os atenienses festejavam o septimo dia em honra sua : alguns escriptores gregos fallam do septimo dia, como um dia exclusivamente sagrado : os antigos druidas da Gram-Bretanha honravam igualmente o septimo dia : taes são entretanto os testemunhos irrefragaveis que nos legou a historia profana e mitologica : vejamos o que diz a historia sagrada.

A guarda do dia de Sabaoth foi muito formal e positivamente imposta aos patriarchas ; solememente confirmada pela lei de Moizés, e tambem pela lei da igreja, legitima interprete do evangelho. O preceito dizia assim :

« Lembra-te de sanctificar o dia de sabbado : (para nós christãos o domingo.)

« Trabalharás seis dias, e farás n'elle tudo que tens para fazer.

« O septimo dia, porém, é o dia do descanso, consagrado ao Senhor, teu Deos. Não farás n'esse dia trabalho algum, nem tu, nem teus filhos, nem tua mulher, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem a tua besta, nem o peregrino que vive de tuas portas a dentro.

« Porque o Senhor fez em seis dias o ceo e a terra e tudo que n'elles ha, e descansou ao septimo dia. Por isso o Senhor abençoou o septimo dia e o sanctificou. »

A observancia d'este dia era entre os judeus tão rigorosamente guardada, que até lhes era prohibido cosinhar qualquer vianda, fazer mais de uma milha em viagem, comprar ou vender a mais insignificante cousa, preparar no templo os objectos destinados ao sacrificio, e até de defender-se de um inimigo, ou tirar um boi do atoleiro. (Exord. XVI, 32 e 29, Esdr. XIII ; Math. XII.)

Entre os christãos dos premitivos tempos era o domingo guardado com a maior fedelidade e veneração. Mr. Pérennes, na sua obra sobre a *Observancia dos Domingos*, diz que a vista dos mais crucis supplicios não era bastante a impedir que elles se reunissem no dia do Senhor. Nas entranhas tenebrosas das catacumbas entoavam elles, especialmente n'esse dia, canticos e bençãos ao Senhor da vida e da morte, embora os sicarios, mandatarios do poder caduco, os fossem ahi assaltar, embora, dizemos, porque d'essa terra, regada com o sangue dos martyres, a fé renascia mais pura e mais vigorosa.

II.

E' pois a obrigação de guardar o domingo uma lei observada por todos os povos antigos e modernos, e imposta pela antiga e nova lei, por que, como dissemos, é ella o elo que prende a creatura ao Creador. E' muito engenhosa, mas de muito fundo philosophico a explicação dada pelo eloquente e erudito padre Ventura sobre esta obrigação.

O direito civil, diz elle, reconhece uma especie de contracto, que se chama *emphiteusis*, o qual consiste em o senhor de um terreno cedel-o perpetuamente a outro para sempre, ou a prazo marcado, com a obrigação de pagar-lhe este um foro, em signal de reconhecimento a ser elle o primordial e legitimo senhor do terreno cedido ; por que effectivamente, pela imposição do onus do foro, guardou-se o *dominio directo* do terreno, em quanto se cedeu apenas o *dominio util*. E' além d'isto de direito expresso que, se durante trez annos, o *emphiteuta* não paga o foro estipulado, perde todo o direito, mesmo ás bemfeitorias, a todo o *dominio*

util; e o terreno reverte para seu primordial proprietário.

Semelhantemente parece que Deos fez o mesmo contracto com o homem: deu-lhe o *tempo*, de que o homem dispõem, e os *alimentos* de que vive. Mas Deos não concedeu estes dons preciosos á sua primeira criatura, senão com a condição de que elle lhe consagraria uma porção do terreno e dos alimentos, como reconhecimento que Deos é o *senhor directo* dos alimentos e do tempo, e que se o homem os gosa é por summa liberdade do Senhor.

D'aqui provém a lei do domingo, que nos impõem a obrigação de consagrar a Deos, senhor do tempo, uma parte d'esse mesmo tempo que elle nos doou; d'aqui provém igualmente a lei de certa abstinencia dos alimentos, ou do jejum, que nos obriga a privarmo-nos de tempos a tempos de uma certa quantidade dos alimentos que elle nos prodigalizou, e consagrari-lhos nas pessoas dos seus pobres.

Vê-se portanto que a lei do domingo, e a lei do jejum são leis naturaes, por que se basea o seu espirito, e razão logica nas relações naturaes de dependencia em que está o homem a respeito de Deos: a sua observancia, pois, é o reconhecimento d'esta dependencia, é uma homenagem exterior, publica e solemne que se tributa á soberania de Deos.

Assim recusar a Deos estas homenagens de tributo e veneração, é expormo-nos a que Deos nos recuse também o tempo e os alimentos de que elle tem o *senhorio directo*, e de que nós apenas gosamos o *domínio util*; é, enfim, não o reconhecer como nosso criador, nosso conservador, nosso soberano, nosso senhor, nosso Deos.

Pôde concluir-se, portanto, que a profanação habitual e reciterada do domingo equivale a negar-se a providencia de Deos, e a sua existencia como auctor da natureza, n'uma palavra, a commetter uma protestação de atheismo.

III.

O repouso é uma lei universal. A divisão do tempo em semanas de sete dias é, segundo escreve o cardenal de Luzerna, um dos mais sabios prelados dos tempos modernos, um concenso universal, reconhecido por todos os povos da terra. Seja qual for o grão de antiguidade a que nos remontemos, lá acharemos estabelecida e reconhecida esta divisão. Seja qual for o paiz que se percorra, civilizado ou selvagem, a divisão de sete dias, sendo o septimo consagrado ao repouso e ao culto de Deos, é uma ei igualmente reconhecida em todo o universo.

O calculo decimal, diz o famoso visconde de Chateaubriand na sua immortal obra o *GENIO DO CHRISTIANISMO*, poderá convir a um povo mercantil, mas tem-se visto que nem é util, nem comodo nas outras relações da vida, e nas equações celestes. A natureza emprega-o raras vezes: elle embaraça a divisão annual e o curso do sol. O quintuplo é tambem uma divisão que repugna com a necessidade do repouso: é muito proximo para o descanso quanto é remota a decada. Quando o terror proclamou em França a lei do descanso para de dez em dez dias, todo o povo se revoltou contra essa imposição subversiva dos habitos seculares; e os habitantes do campo protestavam

com estas simples, mas eloquentes palavras:—o boi não pôde trabalhar nove dias seguidos: no fim de seis os seus inugidos parecem reclamar repouso.

Ha pois, tornamos a repetir, uma necessidade de repousar das fadigas cotidianas; e é universalmente reconhecido o septimo dia como o mais conveniente para esse repouso. E' esta necessidade que o Dr. Farre, n'uma exposição offerecida ao parlamento inglez fazia sobresahir, declarando que o repouso ao domingo era absolutamente necessário ao homem, fossem quaes fossem as suas ocupações, sob pena dos mais graves perigos para a sua saude, e mesmo para o bem estar da sua vida.

Depois de haver exposto por uma forma clara e soncisa quaes as razões phisiologicas que lhe pareciam mais proprias a justificar a escolha do septimo dia para o repouso commun, o Dr. continua por esta forma:

« Fazei trabalhar um cavallo todos os dias da semana tanto quanto o permittam suas forças, e concedei-lhe um dia sobre sete, vós reconheceréis com quanto maior vigor elle desempenhará o seu trabalho nos seis dias immediatos, o que vos demonstrará que ao proprio animal de trabalho é necessário o repouso do septimo dia. O homem, dotado como é de uma natureza superior, oppõem ao excesso da fadiga o vigor energico de sua alma; e o danno que produz uma excitação continua no sistema animal não se manifesta tão promptamente como no animal irracional; porém elle succumba finalmente por uma maneira mais subita: elle diminue a sua longividade, e priva a sua velhice d'este vigor que elle deveria poupar e conservar com o maior cuidado.

A observação do domingo deve pois ser respeitada, não só como dever religioso, mas ainda como dever natural, se a conservação da vida é, como com effeito é, um dever, e se ha culpa de suicidio, como com effeito ha, destruindo prematuramente a nossa existencia.

« Eu fallo n'esta questão, acrescenta o citado Dr. Farre, como medico e não como theologo. Mas se é de uma grave influencia no corpo a paz d'alma, a confiança em Deos, os sentimentos interiores do bem estar, que produz o verdadeiro christianismo, deverá reconhecer-se que o repouso do domingo traz ao homem um beneficio principio de vida. O exercicio laborioso do corpo e do espirito, assim como a dessipação por causa dos prazeres sensuas, são os inimigos do homem, no entanto que o goso do repouso, no seio da familia, tende a prolongar a vida humana, e a repassal-a d'este bem estar intimo, que produz a confiança em Deos, e a consciencia do bom desempenho dos deyeres sociaes e domesticos.

IV.

A guarda dos domingos é reconhecida e praticada pelos proprios selvagens. Poderemos recorrer a longas citações das chronicas e relações dos missionarios para comprovar que a consagração do domingo é um tributo de reconhecimento da parte da criatura para com o Creador; mas seja bastante referir uma passagem do abade Gautier nas suas *Conferencias sobre o domingo*.

Quando o cardeal de Cheverus era apenas sim-

ples vigario de Boston, sentio-se animado do vivo desejo de visitar e pregar o Evangelho pelo paiz de Penobscot e de Passamaquoddy, onde vivia uma multidão de selvagens, errantes na amplidão da floresta. Sabia elle que essas tribus tinham em outro tempo sido esclarecidas pelas luzes da religião catholica; e que havia mais de cincuenta annos viviam sem o menor soccorro da religião por falta de sacerdotes que lh'a fossem ministrar.

O vigario de Boston ardia em zelo de ir reanimar entre essa população a lampada da fé que em outro tempo os esclarecera e de que ainda se recordariam.

Depois de ter-se instruido o melhor possivel na lingua d'essa tribo selvagem, tendo-se munido de quanto era necessário para exercer suas funções, e oferecer o santo sacrificio em um paiz desprovido de tudo, como era aquelle em que ia penetrar, o Sr. de Cheverus partiu apenas acompanhado de um guia, como os primeiros pregadores do Evangelho. Nunca fizera tal viagem; e fôra-lhe necessário toda a coragem de um apostolo para supportar tamanhas fadigas e dificuldades.

Uma floresta sombria, sem caminho traçado, arbustos e espinhos atravez dos quaes era mister abrir passagem, tendo por unico alimento o pedaço de pão comido na hora da partida, por unico leito alguns ramos lançados no chão, chegando a ser necessário accender uma fogueira em roda de si, para alastar durante o somno, as serpentes e os outros animaes perigosos.

O vigario de Boston caminhava assim com seu guia havia já muitos dias, quando uma manhã (era um domingo) no mais espesso da floresta, cujo silencio até então só era perturbado pelo canto dos passaros, pelos rugidos das feras, ou pelo cibilar do vento, ouvio ao longe grande numero de vozes humanas que cantavam em côro. O Sr. de Cheverus pára, escuta; mas não pôde ainda distinguir o que significava esse arruido. Adianta-se a passos largos, escuta de novo: oh! d'esta vez ouvio, e quasi chegou a comprehender; o coração palpita-lhe com expansão por que a final ouvio e comprehendeu; mas elle não ousa crêr o que ouve. Apres-sa!... escuta de novo: oh!... com desusada admiração ouvio um canto e palavras que lhe são conhecidas: um trexo da Missa real de Dumond com que resoam as igrejas nas mais pomposas solemnidades, chegava aos seus ouvidos, e infiltrava-se-lhe no coração.

Imagine quem poder as doces emoções que agitaram-lhe o coração n'esse momento: um sacerdote, a duas mil leguas da patria, correndo como o bom pastor apoz a ovelha errante, e ouvindo repentinamente as florestas da America resoarem com os cantos sagrados, que lhe haviam deleitado e embalado a infancia!... estas sensações não se descrevem: sentem-se.

Passados os primeiros transportes da alegria e do reconhecimento, o Sr. de Cheverus dirige-se para o lado d'onde partem as vozes. Elle distingue atravez das arvores a multidão dos selvagens, que continuam a cantar; e, sem ser visto, quer gozar do espectaculo, que se oferece á sua fé, e aos seus olhos banhados de lagrimas.

A tribo está reunida em um vasto claro. O povo está disposto em forma de circulo. No meio acham-se os chefes e anciões que parecem presidir a ce-

remoria. O canto da missa continua exactamente segundo a ordem liturgica: e, no meio d'essa admiravel acção da elevação da hostia todos prostram-se de rosto em terra, como para recordar o momento em que a celeste victimâ dignou-se outrora descer ás suas florestas para visitar e abençoar seus pais.

O Sr. de Cheverus assistia a uma scena intercedora e sublime. Via um povo, e um povo selvagem, sem sacerdotes durante mais de cincuenta annos, permanecer fiel á solemnisação do dia do Senhor! Eram um tanto sobrehumanos esses canos sagrados, presididos só pela piedade que fazia resoar tão immensas e magestosas florestas, e cujos échos repercutidos pela amplidão eram levados ao céo por todos os corações.

O novo apostolo não quer interromper tão santos exercícios; mas apenas os vê terminados, sahindo dos arbustos que o occultam, lança-se no meio da religiosa assembléa.

A vista d'essa sotaina preta, que não lhes apparecerá desde tanto tempo, os selvagens dão gritos de alegria, reueuem-se e precipitam-se aos pés do homem de Deos. Os anciões improvisam um altar: o Sr. de Cheverus comprehende seu pensamento e prepara o que é necessário para a oblação do santo sacrificio: a ordem restabelece-se ao signal dos chefes; o silencio só é interrompido pelos arrojos do reconhecimento para com o Senhor. . .

Poucos instantes depois o Deus de toda a terra, o Salvador de todos os homens desceu substancialmente ao meio desse povo fiel e perseverante. Essa segunda missa foi acompanhada e ouvida com fervor digno dos primeiros seculos da igreja.

Depois da fiel pintura, que acabamos de fazer d'este quadro entercedor, pederíamos aos que desrespeitam o mandamento do Senhor, que o confrontassem com o seu procedimento, e que se confundissem com este exemplo, que abate e aniquilla o seu pretendido orgulho de espíritos fortes, ou de almas temperadas no laboratorio do egoísmo.

V.

Temos demonstrado que o preceito dominical é uma lei não só canonica, mas universal e natural que os homens como os animaes carecem de re-fazer suas forças com o repouso, e que o repouso retempera a energia physica, bem como a elevação da alma á contemplação do seu Creador nobilita o espirito e o exalta.

Agora desviemos com pezar as nossas vistas d'este quadro de consenso universal á guarda e á sanctificação do dia do Senhor, e cravemolas no quadro que apresenta a nossa sociedade actual. Este quadro demonstra-nos a terrivel, mas reconhecida verdade, que somos os emphiteutas rebeldes que negamos pagar ao nosso directo senhor o fôro que lhe é devido; somos peiores do que os pagãos, do que os idolatras, do que os barbaros, do que os selvagens, e o que é ainda mais para lamentar, peiores do que os protestantes: somos catholicos degenerados, somos os pariás do Evangelho, sem dominio algum na criação, porque não reconheçemos ao Creador: quebrâmos o elo que a elle nos prendia, que com elle nos identificava; o que somos pois?...

É pungente, é doloroso, é immensamente desanimador este quadro, em que a sociedade actual, allucinada pelo reboliço das festas profanas, e catolico-pagãs, desvairada pelas ambições, louca pelo furor das riquezas, indiferente a todas as nobres elevações, atraída e repelida pelo egoísmo *commum*; é pungente vê-la dormir descuidada á beira do abysmo, ter muitas vezes a Deos na boca, e o coração vazio da sua graça: praticar por ostentação mundana, e profana a religiosidade, mas não professar a Religião de Christo na prática das virtudes sublimes, que elle proprio nos ensinou: a caridade evangélica ainda a não aprendemos.

Mr. Gisot n'um de seus ultimos escriptos politicos, referindo-se á anarquia que reinava nos espiritos, demonstra claramente, que o segredo de mandar e de obedecer estava perdido no estado, por que governo e povo cada um por seu turno desobedeciam ao Senhor. E é assim: a auctoridade está desherdada do seu caracter moral: governam-se os actos, mas não se governam as vontades: ha submissão mas não ha respeito: ha descendencia, mas não convicções: o corpo subjeita-se; mas o espirito recalcitra.

Para remediar este estado de desolação moral, é preciso uma regeneração nas crenças religiosas, tão derrancadas e tão desvairadas. O restabelecimento da consagração do domingo, respeitado na sua genuina pureza, e guardado com a necessaria edificação, tal deverá ser o penhor de aliança entre a creatura e o Creador: entendo que esse deverá tambem ser o verbo da legitima regeneração social.

Para obter-se este desideratum carece-se da intervenção do governo municipal e da influencia do Instituto Episcopal Religioso. A municipalidade hade proclamar a medida, o Instituto moralisal-a, cercal-a com sua influencia, fundamental-a com a doutrina sã do evangelho e dos preceitos religiosos; e, por seu turno, oferecer o pão do espirito a essas classes da sociedade, que alguns animos susceptíveis suppõem perder-se, desvairar-se e desmoralisarem-se no repouso semanal.

Não é suficiente a acção legal: é preciso igualmente a direcção moral. Debalde se vigia e defende uma cidade, se não é Deos quem a guarda. *Nisi Dominus custodierit civitatem, frus ra vigilat qui custodit eam.*

É estudando, examinando, discutindo e votando estas medidas de melhoramento moral e social que o Instituto Episcopal hade tornar-se um poderoso auxiliar aos disgnios do governo nas especialidades de que elle se occupa. E por uma tal senda que a nossa corporação pode obter um nome glorioso que reflectirá nos esforços dos que se consagrão ao seu desenvolvimento e progresso. *Nisi utile est quod facimus, estulta est gloria:* esta divisa que estava no portico do templo de Delphos deverá tambem ser a nossa.

O commercio tem immensas corporações, que curam do seu desenvolvimento: tem-as o theatro, tem-as as sciencias, tem-as a litteratura, porque não se hade permitir que os interesses moraes e religiosos tenham igualmente a sua corporação?

Os alicerces estão lançados: é preciso que como Hercules esmaguemos a hydra da inveja dos que são tudo, mas que para nada prestam, que despre-

zemos roncas e calumnias; que marchemos ávante, porque é santa a nossa missão.

Suspendo aqui as minhas desalinhadas reflexões. Disse o que julguei sufficiente em relação á questão canonica da guarda do domingo: na immediata sessão collocarei a questão em face e em confrontação com a sociedade actual. Manifestarei o meu parecer sobre os meios praticos de rehaver, de reconquistar para todas as classes da sociedade o repouso do dia septimo, do dia glorioso da criação do mundo.

A these d'estas reflexões dará em ultimo corolario uma reforma salutar a favor da classe dos caixeiros. Não é para os lisongear que fisto escrevemos: se a lei municipal lhe garantir o descanso o dia septimo, convém ao Instituto interessal-os nos seus fins, convertel-os em proselitos de suas doutrinas, convidando-os, incitando-os ás praticas da glorificação do Senhor-Deos.

A nossa questão matriz é a guarda de um preceito divino; o primeiro corolario d'esta these será o descanso do dia sanctificado para os caixeiros, para os escravos, e para todas as classes da sociedade.

Proseguiremos na immediata sessão; desculpame haver por tanto tempo abusado da vossa attenção e da generosa benevolencia, com que tanto me honrais, e com que tanto penhorais o meu reconhecimento.

F. M. RAPOSO D'ALMEIDA.

Protectorado Imperial.

Uma deputação composta dos Srs. bispo eleito da Diamantina, monsenhor A. P. Reis, visconde de Sapucahy, Dr. vigario-geral do bispado, conego reitor do Seminario Episcopal, conego José Mendes de Paiva, padres-mestres frei Vicente Ferreira Alves do Rozario, frei Luiz de Santa Barbara Pereira, Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, Francisco Manoel Raposo de Almeida, padre Joaquim do Amor Divino Martins, e o corrector da ordem da Conceição e Boa-Morte, José Maria dos Reis, representanto o Instituto Episcopal Religioso, dirigiu-se ao paço imperial de S. Christovão para sollicitar de S. M. a Imperatriz o seu augusto protectorado.

O Sr. visconde de Sapucahy, orador da deputação, dirigiu a S. M. a Imperatriz a seguinte supplica:

« SENHORA.—Mais de uma vez o que tem a honra de fallar agora na augusta presença de V. M. I. foi testemunha da religiosa estranheza com que V. M. I. ouvia no recinto sagrado dos templos os desenvoltos accentos da profana musica dos palcos. E quando em outubro do anno passado apareceu fundada, sob os auspicios do douto Revr. bispo, capellão-mór, conde de Irajá, uma associação com o titulo de Instituto Episcopal Religioso, tendo por

sim, entre outros uteis e importantes trabalhos, a restauração da musica sacra, foi essa fundação benevolamente recebida no piedoso animo de V. M. I.

« E' essa mesma associação, Senhora, que desejando dar poderoso impulso aos seus trabalhos, vem por meio d'esta deputação supplicar a V. M. I. que se digne de aceitar o titulo de sua protectora.

« O Instituto Episcopal Religioso, ainda infante, vê já ante seus olhos um futuro esperançoso e não remoto: esforça-se por dignamente preencher as obrigações impostas pelos estatutos que o regem. No seu quadro social divisam-se os nomes de homens ilustrados e piedosos: e o sexo encantador, o sexo devoto não desdenhou de infeital-o e prestar-lhe valioso auxilio.

« Os fins da associação, Senhora, justificam a ousadia da supplica, e a nunca desmentida bondade, a proverbial benevolencia, e a piedade da inclita Imperatriz do Brasil alentam a esperança de favoravel deferimento.

« Se V. M. I. outorgar, como o Instituto confiadamente espera, tão subida mercê, elle empenhará todas as suas forças para não desmerecel-a, e rendendo graças a V. M. I., beija reverente a augusta mão de V. M. I. »

Sua Magestade a Imperatriz, com a summa bondade que a caracterisa, dignou-se responder—que agradecia os votos do Instituto Episcopal Religioso, e que aceitava o titulo de sua Protectora.

E' este um facto que sempre deverá ter presente o Instituto Religioso, no desempenho das obrigações que se impoz, esforçando-se para corresponder nos seus actos ao augusto protectorado, com que acaba de ser honrado, e á valiosa protecção que o Sr. bispo diocesano lhe tem concedido desde os primeiros dias da sua instalação.

PARTE LITTERARIA.

Associações Litterarias.

Na capital da importante província da Bahia acabam de dar-se dois factos, que devem encher de jubilo a todos os amigos das letras; acabam de surgir tres associações, a academia de Bellas-arts sob a influencia e presidencia do eruditissimo e incansavel Sr. Dr. Jonathas Abbet, o Instituto Historico sob a presidencia e auspicios do veneravel ancião o Sr. arcebispo da Bahia, e o Instituto dos advogados sob a influencia e presidencia do Sr. conselheiro Gaspar José Lisboa.

Em quanto mais de espaço não consideramos a influencia, que podem exercer estas associações nos destinos prosperos da civilisação, vamos aqui transcrever alguns trechos do *Diario da Bahia* a folha mais conceituada d'aquellea cidade.

Um impulso extraordinario parece agitar os espiritos em nossa formosa capital. Surge em todos ardor admiravel. Idéas novas brotam. Movimento não visto d'antes, arrebata os corações.

Em dias, que passaram, a causa privilegiada para produzir effeitos de semelhante especie era unicamente a politica. Toda a emulação nascia d'ali, e a agitação dos espiritos significava então perigo para a ordem, ensejo para desmando ou immoralidade.

Hoje em dia não é assim. A attenção se volve para os beneficios reaes da sociedade. Convenceu-se a população da esterilidade d'aquellas tão apaixonadas luctas, em que se esvaiam em vão as forças da alma. Quer aproveitá-las empregando-as nos melhoramentos do paiz, que tocam a todos os interesses.

Melhoramentos materiaes, melhoramentos moraes, melhoramentos intellectuaes constituem a preocupação de todos. Em vez de sonhar com mudanças nas instituições, cada qual imagina a melhor applicação para a sua actividade em ordem a redundar em geral vantagem.

Attentai n'esses planos, que ahi se delineam. Vedes em cada um traçada uma empreza, que promette satisfazer em parte a soffreguidão de todos.

Attentai n'essas associações, que se formam, industriaes, ou litterarias. Poderieis attribuir o resultado, que revellam, senão á força das idéas do verdadeiro progresso, que a final procuram dominar em nossa terra?

Congratulamo-nos com o paiz pelo espectaculo, que nos offerece já e ainda mais nos promette a manifestação d'essa emulação, d'esse movimento; d'esse impulso.

Fazemos votos para que os germens, que assomam tão gentis e viçosos desabrochem, e acrescentados cada dia em formosura, tornem-se brevemente em outras tantas arvores famosas pela magestade das ramas, pela abundancia e valia dos fructos.

A sociedade de Bellas Artes destina-se a prestar relevantes serviços á arte e á humanidade. Pode-se tornar em escola de bom gosto, em que recebam lições mui proveitosas os que por vocação ou por profissão se dedicam á pratica das artes.

Estabelecendo galerias de pintura, desenho, esculptura, lithographia, architectura e medalhas,

offerece aos artistas a melhor das escolas nos modelos, que são raros em nosso paiz, sendo no entanto, essencias a todo aquelle, que aspirar a perfeição em suas obras.

N'essa exposição franqueada aos curiosos em dias determinados se encontrará mais de um estímulo aos cultores das bellas artes. Além de colherem ali novas ou mais cabaes idéas, terão ensejo para se elevarem á graduação, que lhes compete sahindo do nível inferior, em que immerecidamente vivem.

Não queremos exagerar os fins da sociedade projectada. N'estes poucos traços, que lançados ficam, se vê que a sua concepção origina-se em um pensamento sobre-maneira generoso.

Deixamos aos espiritos, que meditam, calcular, as vantagens, que devem resultar ao paiz da prática d'este bello plano, cujos effeitos tanta influencia tem de exercer no bom gosto e na cultura das artes.

O Instituto encetou a sua carreira sob a direcção do Sr. arcebispo da Bahia, que prestou o seu nome respeitável por tantos títulos para que fosse levada á prática a idéa do Sr. M. C. Garcia.

Excede de cincuenta o numero de cidadãos distintos, que se dispõe a prestar o contingente de suas luzes e estudos á nova associação, bem que circunstancias especiaes permittissem que compreassem na casa das sessões sómente vinte e tres.

O sabio metropolitano inaugurou o instituto por um d'esses primores de eloquencia, que a sua habil penna sabe crear. N'essas palavras, auctorisadas pela profunda sciencia do venerando orador, foram explicados os fins da associação com essa elevação de idéas, com essa originalidade de observações, com esse exquisez e amenidade de estylo, que constituem os predicados dos escriptos de S. Ex. Revm.

PARTE NOTICIOSA.

Chronica semanal.

I.

Escrever-se uma chronica, quando as idéas do seculo acham-se divididas, umas ocupando se com a politica, outras com a indagação da verdadeira interpretação do pronome *Eu*, é certamente uma temeridade: temeridade tanto mais indisculpavel, quando o passado, mesmo o dia de hontem, já a

ninguem pôde interessar, visto os olhares da intelligencia tenderem somente para a penetração. Seremos pois (e que importa?) numa ovelha perdida, e erradica pelos desertos da indifferença, mas notavel pela sua singu'aridade.

Demais o que é o futuro? uma flor, ainda sem perfume, que vai murchando á proporção que o tempo a avisinha do presente: muitas vezes um punhal que veio sahindo da bainha e de nós se aproximando até ferir-nos de morte! Assim nada de futuro: occupemo-nos sómente com o passado que não tem mysterios; onde a vila se apresenta em toda sua nudez, e d'onde partem as tradições que nos impellem para a gloria.

Se não fôra o passado o que seria do progresso? Quem se animaria a aperfeiçoar a arte, se a natureza não apresentasse *a priori* os elementos para o seu desenvolvimento?

Se não fôra o passado Miguel Angelo não eternisaria o seu nome com a execução da celebre cupola de S. Pedro, cujo desenho foi legado por Bramante. Assim também Raphael morreria esquecido á não ter um mestre, qual Perugino, que soube desenvolver aquelle elevado genio, que mais tarde havia de excedel-o.

Assim todo o progresso tem relações com o tempo que já se findou, e é d'ellas que surgem estas grandes descobertas que ás vezes assombram annos e seculos.

Lesage multiplicando o valor da phisica com a invenção do telegrapho, ao passo que aproximou as distancias, marcou uma época, que mais tarde foi lembrada com regosijo, quando *Æsted* e *Schveiger* com recentes aperfeiçoamentos fez d'elle mais um meio de vida para os diversos povos.

Assim, ahí vemos a origem de muitas descobertas, que podem servir de thema á grandes artigos, por onde se conheça o desenvolvimento das nações, sendo, comtudo, que a idéa, a origem primimitiva de todas ellas, existem quasi que gravadas na longevidade do tempo.

E pois para o tempo appellaremos na consecção de nossas revistas, porque assim como o tempo denota uma vida, assim tambem exprime os factos que n'essa vida se deram.

A exposição d'esses factos daremos o nome de *chronica* que os desenvolverá sujeitando-se ao nosso juizo, que por sua vez tambem ficará sujeito á censura do leitor.

Por emquanto nada promettemos, para que não sofframos alguma decepção; basta que notemos o numero das promessas não cumpridas.

E demais unicamente os *politicos* acham-se no

caso de prometter, e nós, de mancira alguma aparentando modestia, confessamos julgar muito máo esse meio de angariar sympathias.

Eis a nossa *profissão de fé*. No proximo numero conversaremos sem mais *ceremonias*.

EL.

Instituto episcopal religioso.

Hontem (6 do corrente) celebrou-se a segunda sessão ordinaria d'esta esperançosa e já tão util instituição. Compareceram varios socios, entre os quaes os Srs. Monsenhor Reis, Viscondes de Sapucahy e da Estrella, conego vigario-geral, conego Paiva, Fr. Vicente Ferreira Alves do Rosario e Fr. Alfredo de Santa Candida Bastos, Dr. Carlos Honório de Figueiredo e Francisco Manoel Raposo d'Almeida, Raphael Coelho Machado e padre Joaquim do Amor Divino Martins.

O Sr. bispo participou não lhe ser possivel comparecer, e deu commissão ao Sr. visconde de Sapucahy para o representar.

O Sr. Eyzaguirre agradece o seu diploma de socio honorario, e participa que por incommodo de saude não pôde comparecer.

O Sr. F. M. Raposo d'Almeida conclue a leitura da sua memoria sobre a guarda dos domingos, que foi unanimemente aprovada, deliberando-se ouvir sobre o seu assumpto os Sr. arcebispo da Bahia e bispos de Minas e Maranhão, para em vista d'esses pareceres se representar aos poderes competentes sobre este importante assumpto.

Distribuiram-se pontos aos Srs. Monsenhor Reis sobre a fundação de uma faculdade de theologia; ao Sr. Dr. vigario-geral sobre o estado actual dos parochos, ao Sr. Dr. Carlos Honório de Figueiredo sobre a importancia do direito ecclesiastico, ao Sr. F. M. Raposo d'Almeida sobre a reforma das ordens monasticas.

No fim da sessão houve o acto de declaração da resposta que S. M. a Imperatriz se dignou dar. O Sr. Visconde de Sapucahy, orador da respectiva deputação declarou solememente que S. M. a Imperatriz se dignará aceitar o titulo de Protectora.

Esta declaração foi respeitosamente ouvida e aplaudida.

Levanta-se a sessão depois das 6 horas da tarde.

Indisciplina militar.

Com este titulo um nosso assignante remeteu-nos um artigo, em que depois de abundar em sensatas considerações sobre o espirito de desciplina

que deve conter os corpos militares, conta-nos por extenso um facto sobre o qual ousamos chamar a attenção do Sr. ministro da guerra, não só para que se puna o delicto commettido, como para que scenas taes não se tornem a reproduzir.

Em dias da semana passada, alguns soldados pertencentes á guarnição da Ilha das Cobras, foram passear a Nictheroy, e como então chovesse procuraram abrigar-se n'um dos armazens do largo de S. João. Um d'elles tentou penetrar n'uma sala, onde estavam objectos de prata, e por que foi surprehendido e despedido, soltou quanto desaforo e insulto podia imaginar-se contra o dono da casa, homem probo, sisudo, e digno por todos os motivos do maior respeito.

O energumeno nem ás ordens e intimações da autoridade policial quiz obdecer, retirando-se sâo e salvo, quando já cançado de injuriar e ameaçar.

Os outros pormenores que vem no artigo recebido suspendemol-os por ora, e julgamos que será bastante para proceder-se.

Um soldado da mesma guarnição, e que se dizia ser o n. 68, poderá informar, e ser o fio d'esta intrincada meada.

Ha por ahi soldado que se julga com El-rei na barriga, como se costuma dizer; e taes abusos e mistér que se atalhem para não se darem conflictos, porque nem sempre estas scenas se passarão com pessoas tão prudentes como o cavalheiro com quem se deu o caso que acabamos de expor.

Sufragios espirituais.

Consta-nos que alguns sacerdotes d'esta corte, com a piedade e espirito religioso que muito os honra, tem deliberado celebrar um solemne funeral na igreja de S. Pedro, com matinas de defuntos, na tarde do dia 20, e com missa pontifical na manhã do dia 21, tudo em suffragio ás almas dos devotados sacerdotes que morreram do cholera no exercicio do seu ministerio augusto. Assistirá o Exm. bispo deocesano, e recitará uma oração funebre o Revr. vigario de Arachá, o Sr. padre Manoel Joaquim da Silva Guimarães.

Consta-nos que o Instituto Episcopal Religioso mandará assistir a todos estes actos uma commissão que o represente, exemplo este que deverá ser imitado pelas demais corporações de identica natureza, e com os mesmos fins.

Pela nossa parte damos os merecidos louvores ao Sr. monsenhor Reis, que nos consta ter sido o principal auctor d'esta idéa, que não só honra espiritualmente os suffragados, como nobilita todos que tomarem parte na sua realização.

Parecer Sobre a obra o

CATHOLICISMO PERANTE AS SEITAS DESSIDENTES
PELO SR. D. JOSÉ IGNACIO VICTOR EYZAGUIRRE,
DADO AO INSTITUTO EPISCOPAL PELO SR. F. M.
RAPOSO D'ALMEIDA.

Nos fins do seculo passado um philosophismo tresloucado e vertiginoso aluio a sociedade civil nos seus fundamentos porque lhe quebrou a sua unica e poderosa columna, a Religião.

D'aqui esse quadro medonho que especialmente nos apresentou a França, onde rebentou o vulcão assolador; e que foi theatro dos mais horriveis e inimaginaveis crimes.

Em nome da liberdade civil foi violada a liberdade religiosa, quebradas e ultrajadas as cruzes, e tudo quanto nossos pais haviam adorado foi arremessado á cratera incandescente da mais tremenda das revoluções.

O solo sagrado da terra de Carlos Magno foi alagado de sangue, o carro da revolução passou por cima de milhares de cadaveres, o facho da impiedade revolucionaria assolou a nação.

No estertor das ultimas agonias, que soltava a França, um dos seus filhos predilectos, a milhares de leguas longe da patria, de que fôra expulso, levantava uma voz energica, como a do precursor no deserto, e que foi o verbo regenerador: era Chatheau-briand que contrastava os horrores da revolução, cantando os martyres, e alimentava a esperança da regeneração escrevendo o Genio do Christianismo.

Com efeito, d'entre esse brasido da assolação, atravez da nuvem fumegante do sangue de christãos e impios, ao arruido confuso do tripudio da anarquia, a voz poderosa do grande e eloquente escriptor impôz uma legitima regeneração.

Nas margens silenciosas do Jordão, sentado sobre as ruinas que são a clida monumental do Christianismo, na amplidão e nos perigos do deserto, o homem que era ao mesmo tempo David, Jeremias e Santo Agostinho proclamava o principio salutar da reacção, remontando e erguendo de novo a columna forte da Religião.

A França extenuada pela febre de tão vertiginosa revolução cahio no langor da indifferença, molestia tão perigosa e mortal como a propria impiedade.

O Genio do Christianismo creou uma escola de literatura religiosa.

A posia, o romance, a critica, o proprio drama encarnaram nas formas da nova escola, que foi o verbo balbuciente da regeneração catholica por via da propria philosophia.

São muitas as obras d'esta nova era litteraria, theologica e social ao mesmo tempo de que Lacordaire é como o sol entre os demais astros.

A esta eschola pertence a obra do Sr. Eyzaguirre. O acolhimento que lhe prestou o summo pontifice, os elogios que lhe consagraram o Sr. conde de Montealembert, o famoso Lacordaire, o cardeal Rossi e outros muitos luminares do catholicismo fallam mais alto do que o nosso humilde parecer; mas seja-nos permitido dizer que a obra do Sr. Eyzaguirre é um monumento de sciencia theologica, de intelligente e profundo catholicismo, de variada e brilhante erudição, é em summa um monumento para a Religião e para a America, onde o illustrado auctor tem um nome historico.

O Catholicismo em presença das seitas dessidentes

é uma obra que merece ser estudada e vulgarisada porque, independente do interesse tão variado, pelo objecto e o plano da obra, o auctor soube dar-lhe, como se exprime o Sr. Barrier, um novo brilho pelo poetico das descripções, pelo estudo dos costumes, por anecdotas curiosas, pelos pormenores artisticos e por considerações archeologicas.

Proponho pois que a obra do Sr. Eyzaguirre seja submetida a um exame mais particularizado, como não pôde ser este meu: e que a obra seja traduzida e vulgarisada pois o fundo de sua materia tem o mesmo sim, em que se acha empenhado o nosso Instituto.

Rio 6 de junho de 1856. O secretario-geral.—
F. M. Raposo d'Almeida.

N.B. Foi aprovado este parecer, e encarregado o mesmo Sr. de examinar mais circumstanciadamente a obra do Sr. Eyzaguirre.

THEATRO LYRICO.

Na segunda feira tivemos os *Horacios e Curiacios* de Mercadante, e com quanto seja a opera que é, não atraiu concurrenceia: ha com efeito caveira de burro no barracão lyrico, oxalá que o Sr. Tamborlik e a Sr. Dejean a desencavem e a arremessem para longe.

A apaixonada e interessante Camilla ficou fôra do combate logo no primeiro acto e no fim do terceiro deu parte de doente para não morrer.

O concerto de quarta feira offereceu-nos em compensação uma belissima noite.

A Sr. Casaloni na cavatina da *Shapho* a Sr. La Grua na aria *Betyl* foram muito e devidamente applaudidas, bem como a Sr. Ghioni na aria do *Domino-noir*.

Mas quem obteve o primeiro triumpho n'esta noite foi a Sr. Frery. É preciso vel-a para poder-se ajuizar do merito incontestavel d'esta artista. Como Thalberg e Litz' é no piano, com Stoltz é no canto, assim é a Sr. Frery na rabeca.

O Sr. Suzini na aria da *Lucrecia Borgia* comeu alguns compassos, o que deu occasião a que o Sr. Castagnier; mostrasse a sua proficiencia.

Este senhor, e muito especialmente o Sr. Geanini muito bem mereceram pelas suas *ouverturas*.

A d'este ultimo maestro é cheia de magestade, as partes cantantes são de uma harmonia encantadora.

Hoje temos o *Trovador*, e quarta feira proxima teremos um expectaculo que a todos deve ser grato: o Sr. Tati com o herdeiro do seu primoroso talento apresentar-se-ha ao publico.

Tem havido tantas subseripções para presentes a quanto artista arribado e de merito contestado tem vindo ao Brasil: ao Sr. Tati, ao amigo do Brâ e dos brasileiros, ao bom amigo, ao bom pai de familia, a) cavalheiro de instruccion e de maneiras, não se aproveita o dia de seu beneficio para fazer-lhe um mimo, que teria de ser applicado á educação artista d'uma das mais bellas vozes que temos ouvido; fallamos do menino Felicio Tati.

Ainda é tempo de reparar-se esta falta. O Brasil que é um paiz hospitaleiro por excellencia deve tambem ser justiceiro para o primeiro artista que até hoje tem vindo entre nós, e que entre nós tem ficado por tantos annos.